

Se há coisa que nunca ninguém descobriu, e não se pode descobrir, é o que é uma menina. Como ninguém o sabe, ninguém sabe dizer com certeza quantas vezes uma menina pode nascer, quantas pode morrer, o que a mata ou o que a traz de novo à vida. Qual a diferença entre uma menina e um sonho? Ambos são esquecidos. Entre uma menina e um pesadelo? Ambos são lembrados. Entre uma menina e um machado? Ambos racham. Entre uma menina e um cão? Ambos ladram. Entre uma menina e um chapéu? Ambos servem a uns e não a outros. Entre uma menina e um cavalo? Ambos dançam. Se há mistério no mundo, é o de saber como as meninas se divertem. Descobri-lo obrigaria a saber dizer com certeza aquilo que um ser que ninguém conhece gosta de fazer para passar o tempo. Uma coisa é certa. Aquilo a que se chama “o mundo” é uma conspiração contra a alegria das meninas, contra as meninas se divertirem e se sujarem, contra o seu gozo e as delícias e silêncios desse gozo.

Chamava-se Maria. Vivia numa aldeia não importa onde. Rabiscava nas folhas de amoreira, no soalho da saleta, na ombreira da porta. Nas próprias pernas, toda cuidados, do calcanhar ao joelho, uma linha direita que parecia costura de meia, foi antes de saber escrever e contar. Gostava da força que era preciso fazer para que a tinta — barro, carvão, a polpa da ameixa vermelha, o roxo das amoras — se fixasse à superfície. Punha a língua de fora

e premia os dedos, pondo os pontos nos *l* e as cedilhas nos *d*. Não desenhava bonecos, nuvens risonhas ou cabanas no pico de montanhas, mas linhas ondulantes que queriam ser frases, não eram ainda palavras e se desdobravam em colunas. Maria não sabia se escrever era aquilo. Fazia cara de escrever, ou o que imaginava que essa cara fosse. Gostava daquilo que fazer cara de escrever a fazia sentir antes de começar, do que sentia enquanto traçava e, no fim, quando observava o traçado. Na pose adequada, com uma seriedade feliz, movia a mão direita com elegância, o pensamento fixo à ideia que a movia. Pareciam linhas de eucaliptos, serranias, vulcões, planaltos, notícias de última hora, prefácios célebres. Mas eram as linhas da mão quando a mão de Maria se concentrava na ideia que queria escrever.

“Lá estás tu com essa cara, vem cá que te chego a roupa ao pêlo”, disse-lhe a madrinha, quando a apanhou a riscar a parede do quarto. A madrinha não gostava que Maria gostasse de escrever. Não havia razão para não gostar. Desconfiava que o gostar desarumava. Escrever pareciam-lhe maus modos. A menina não teve tempo para perceber o que a madrinha quisera dizer. A mulher correu a buscar a vara — levantou-lhe a saia e açoitou-lhe o rabo até sangrar. O castigo repetiu-se muitas vezes, ao fim do que a velha mulher olhava assustada, semicerrando o olho direito, as linhas que a menina rabiscara. Sabia lá o que ali se dizia, mas coisa que ela não entendia coisa boa não era.

Sentou a menina à mesa com uma fatia de bolo de milho à frente, estava a pequena cheia de fome, “Ou me dizes o que diz ali na parede ou hoje não comes.” “São coisas minhas, madrinha, que me vão na alma. Não sei que dizem.” “Então, se te vão na alma, esquece o bolo e ficas a pão e água.” Maria comeu raspas do fundo do tacho o mês inteiro.

Brincava à solta, compunha pelos campos, em segredo. Se os campos andavam secos, tristonhos, a brincadeira acendia-os com toda a sorte de brilhos. Não guardava segredo por lhe parecer que era coisa de menina malcriada. Mas porque lhe sabiam melhor os rabiscos se não contasse a ninguém que andava entretida com eles. Sabia-lhe melhor rabiscar sem que os outros soubessem que o fazia. Rabiscava por dentro e por fora. À sombra da aveleira, deitada sobre a cama de avelãs húmidas, na margem do riacho, escrevia na pedra. Escondida atrás do poço, com a farinha branca roubada dos sacos, nas paredes da despensa, empoleirada no tronco da figueira, com o miolo meloso do figo, debaixo da cama de palha, com um pedacinho de xisto. Chamou-se o doutor. Nada lhe achou. O padre também não. O cónego sossegou a senhora. A menina comia, bebia, brincava, não arreliaava ninguém, “Só a acho um pouco macilenta, deve ser do calor.” “Alegria não é doença. Descanse.”

No Outono, Maria foi para a escola. Aprendia com a vontade com que um gatinho bebe leite. Como a madrinha achasse que a alegria e a gula não condiziam com uma menina, “O monsenhor não te mete juízo no corpo, mas eu trato de ti”, tirou-a da escola quando chegou Janeiro.

Maria não tinha tido tempo de aprender o abecedário até ao fim. Os dias eram curtos, brancos e frios. Mas quem precisa, afi-

nal, de quem lhe ensine o que nasceu aprendido? A menina escrevinhava nos degraus da pequena casa, nas paredes do quarto. Só um espírito maligno podia ditar-lhe ao ouvido o que deitava fora. “Como escondê-la?”, pensava a madrinha, se andava sempre suja, de joelhos esfolados, ranho a escorrer do nariz — feliz e aluada. Não se culpe a senhora, só não tinha serventia para uma menina assim. Então, fechou-a no estábulo antigo. Dava-lhe um naco de broa dura e uma concha de água com vinagre a cada três dias, e a menina passou um mês a conversar com a escuridão, à fome e ao frio.

O vazio era barulhento — achava Maria — e perguntou ao silêncio — “Porque fazes tu tanto barulho, meu caro amigo?”

Como toda a menina pequena, não sabia ainda o que era ter medo, mesmo quando o tinha. Não tinha medo da madrinha que a tinha castigado, ou do som do caruncho, dos ratos, das aranhas, a bulirem de noite nas vigas. Rabiscou nelas com uma pedrinha que achou na palha. Não eram palavras que alguém fosse capaz de ler, mas as palavras que queria escrever, imaginando que era assim que se escreviam.

A menina pouco ou nada sabia do que era escrever, só achava que essa palavra que tinha aprendido na escola era um bom nome para aquilo que fazia, embora se calhar não fosse o nome adequado. Pintava palavras que nada significavam. Era léxico de coisas que nunca tinha visto, lugares que não sabia onde ficavam, sabores que jamais provaria, ideias, só não sabia quais. Palavras, mas nenhuma, grafemas, hieróglifos que entendia no momento em que os inscrevia nas coisas, nada entendendo assim que os esquecia. Versos não — uma língua, com regras que respeitavam o acidente, o acaso e a conversa dos sons uns com os outros, quando nos deixamos levar por eles.

A madrinha aparecia de três em três dias e dava-lhe de comer e beber por um buraco no portão. Não veio ver se a menina precisava de outra coisa e Maria, que não sabia fingir, não fez esforço nenhum para fingir-se sofrida no dia em que a madrinha lhe abriu o portão, porque o castigo findara.

“Minha querida madrinha, a senhora esqueceu-me aqui.” O sol encadeou-a e ela tapou os olhos com as mãos, alegre de ter sido encontrada. “Tive saudades suas, madrinha.” Parecia ter acordado de uma noite à fogueira, o cabelo seco e emaranhado, as faces pálidas, os lábios gretados de sede, as mãos e pés negros. Mas vinha com o sorriso mais alegre que a madrinha lhe vira. “Onde está ele?” — perguntou a senhora, muito enervada, ao entrar no estábulo com a vassoura em riste, à procura de alguém — “Onde se meteu o mafarrico que te fez companhia?” Parecia a cela de um presidiário atormentado. As paredes do estábulo estavam cheias de rabiscos. A senhora não sabia ler nem escrever, e tomou por dizeres o que eram garatujas, por impropérios e injúrias o que eram pensamentos alegres, por pecados as flores e destinos. O remédio não bastara. A afilhada estava possuída pelo diabo.

Pobre senhora. Como podia uma menina sozinha divertir-se tanto? Era certo que uma alma penada, belzebu, um fantasma, alguém, a acompanhara. Meteu-a nua num banho gelado e deixou-a à chuva de Fevereiro até a menina estar roxa. A menina